

# Devemos Estudar a Língua dos Selvagens do Brasil?

Por FARIS ANTONIO S. MICHAELE

O estudo da língua tupi é dos mais importantes e interessantes.

É-o por diversos motivos, que fazemos questão de destacar, mormente porque quase inteiramente desconhecidos, o que sobremodo nos tem dificultado a realização de semelhante iniciativa.

Ao contrário do que propalam certos sábios e sociólogos de gabinete, principalmente do Rio e arredores, os chamados "mestres do asfalto", o tupi deve ser ensinado, porque:

1) Como razão de ordem filológica, o seu estudo nos capacita a uma explicação mais adequada e satisfatória das influências indígenas no vocabulário, sintaxe e fonética do português falado no Brasil. São alguns milhares de vocabulários referentes à fauna, flora, acidentes geográficos, etc., de uso quase diário entre nós. Exemplifiquemos com "xará" e "tocaio" (aimará), sem os quais não podemos expressar a idéia de identidade de nomes entre as pessoas, a não ser que recorramos ao erudito "homônimo", de origem grega. Ninguém, também, ignora que pronunciamos e falamos de maneira bem diferente da portuguesa.

2) O fator de ordem geográfica igualmente nos leva a essa atitude, porque o estudo do tupi facilita a compreensão dos nomes do mapa brasileiro, esclarecendo o motivo, época e agentes dos fatos a que se prendem os referidos nomes. O índio e seu mestiço, o mameluco ou caboclo, nunca davam nomes sem, primeiro, considerar as circunstâncias que se verificavam e os elementos gerais que participavam do ato. O nome Guanabara ou GUA|ANA|MBARÁ está demonstrando que há "uma baía semelhante ao mar (MBARÁ ou PARÁ)".

3) Por outro lado, o motivo de ordem histórica também se faz sentir. O tupi ajuda a história, como esta, por sua vez, o ajuda com os documentos antigos. CANANÉIA, em São Paulo, pelos documentos antigos, verificados que era CANINÉ ou CANINDÉ, nada, portanto, tendo que ver com a CANANÉIA da PALESTINA. Entre nós, ITAIACOCA, nos textos de outrora, aparece como TAIACOCA, que quer dizer PLANTAÇÃO DE TAIÁ. O "i" inicial surgiu por analogia com ITARARÉ, ITAPEVA, etc.

4) O lado sociológico da cultura não deixa, do mesmo passo, de auferir boas vantagens, ao contrário do que afirmam os pseudo-intelectuais a que nos referimos. Nunca poderemos compreender bem o espírito de uma cultura, sem que, antes e acima de tudo, aprendamos a língua em que se expressa o povo dessa cultura. Daí certos disparates inconcebíveis, como o de Gilberto Freyre, por exemplo, que afirma ser MUTIRÃO ou PUTIRÃO (muxirão, puxirão, etc.) palavra de origem africana, pois traduz a idéia de AJUDA ou AUXÍLIO na zona rural. Aqui ele segue o apalxonado Silvio Romero. Se Gilberto não

fôsse contra o índio e sua língua, ou, ao menos, tivesse conhecimentos rudimentares dos idiomas indígenas veria, logo, que a raiz é PYCYRON, que quer dizer "auxílio" ou "ajuda", em avanheenga. Mas, acontece que o próprio costume já vem registrado em Fernão Cardim, no século XVI. É assunto tão corriqueiro que qualquer aluno do curso científico está suficientemente informado a respeito.

5) O folclore, sem dúvida, é fator importante pré-estudo da língua tupi. Avalie-se só o coeficiente de mitos (boitatá, saci perere, curupira, caapora, etc.) que se nos depara no mesmo! Naturalmente, sem falarmos nas danças, canções, contos (ciclos do jaboti, da raposa, etc.), superstições, etc. Nos folguedos infantis, a PETECA (verbo que significa "bater") não mais pode ser considerada como de proveniência africana ou européia, depois de um estudozinho de tupi. É coisa elementaríssima, ao alcance de qualquer estafermo.

6) A própria ciência, isto é, a pesquisa pela pesquisa, também nos compeliaria a semelhante estudo. Não se concebe que sendo língua do país e a mais usada durante quase trezentos anos de fase colonial, ainda houvesse alguém contra o seu estudo. Numa época de tanta curiosidade e tanta elevação de miras, quando até idiomas de pigmeus africanos são minuciosamente vasculhados, o GIGANTE BRASIL prima por ridicularizar essas iniciativas sadias e significativas, através de sua imprensa mal orientada e mal preparada, na sua quase generalidade. O tupi, além de valor glotológico inestimável, apresenta um utilíssimo cabedal de raízes para as ciências naturais. MANIHOT UTILÍSSIMA é o nome da mandioca, COPAIFERA RETICULATA vem a ser a copaliba, BROMELIA ANANAS não é mais que o

ananás, DASYPROCTA AGUTI é a cutia, TAPYRUS AMERICANUS, o tapir ou anta; etc. Segundo Moisés Bertoni, sábio suíço que viveu muitos anos no Paraguai, o tupi ou a família tupi-guarani, depois do latim, é o manancial mais imponente da terminologia científica vegetal, contribuindo com mais de 40% das designações, sendo, igualmente, importantíssimo no setor animal.

7) a literatura, com o estudo do tupi, lucra muito, por igual. Ninguém ignora que o tupi apresenta várias épocas de literatura: oral (pré-cabralina); escrita (jesuítica); moderna (nhengatu), com muitos contos, lendas, trovas, improvisos, autos teatrais, orações, etc., sem falarmos nos trabalhos em guarani ainda hoje, uma língua viva e de forte poder expansivo. No Paraguai, Argentina e Bolívia (bem como nas fronteiras do Brasil), milhões de indivíduos se expressam em guarani e escrevem poesias belíssimas em semelhante idioma.

8) O lado diplomático deve aqui ser incluído entre os fatores em aprêço. Infelizmente, o Itamarati é fábrica de rapazes bonitos. Nunca se ocupou com coisas sérias, pelo menos, nos últimos tempos. Ouso dizer que as revoltas em Santa Cruz de la Sierra (Bolívia) devem ser interpretadas como algo que ultrapassa os simples motivos econômicos (petróleo). Passaram a ser problema de índole étnica, pois, a referida província é um verdadeiro corpo estranho no seio da nação aimará, em virtude de ser o único lugar em que se fala GUARANI, dentro do território em aprêço. E por falar em Itamarati, quero relatar um fato que bem define a falta de preparo dessa gente que nos representa lá fora. Quando da visita do Presidente Truman ao Brasil, alguns jornalistas e intelectuais que acompanhavam o

(Continua na 5.a página)